

Todas las voces: o rádio mediando saberes da América Latina

MARIA INÊS AMARANTE ¹

RESUMO

Foz do Iguaçu se situa na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina, países que compartilham realidades socioeconômicas semelhantes. A fronteira configura-se, entretanto, como território de confluências e intercâmbios de culturas e idealismos da América Latina e Caribe. Essas confluências e intercâmbios circulam na Unila, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, por meio de alunos e professores vindos de todo o continente. A jovem instituição ainda não tem meios de comunicação consolidados, mas busca reafirmar laços comunitários locais. Considerando nossa experiência com rádios comunitárias e educativas, elaboramos, em 2015, o projeto Todas las Voces, a fim de capacitar jovens para a produção de uma rádio-revista sociocultural bilíngue, para veicular atualidades e divulgar ações de extensão da universidade. Enquanto os sistemas de comunicação hegemônicos buscam consolidar comportamentos padronizados, faz-se urgente articular boas iniciativas nesse campo, para que vozes dissonantes encontrem outras formas de serem ouvidas. Segundo Deliberator (informação verbal)², os projetos de extensão “funcionam como uma via de mão dupla com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico”. Este trabalho busca analisar esses aspectos, entre outros: a forma como os participantes iniciaram na rádio a abordagem dos temas que pesquisam e com os quais trabalham e se identificam; a metodologia utilizada; as particularidades da produção digital; a pesquisa de sonoridades latinas. Dos resultados alcançados, ressaltamos o diálogo efetivo de saberes por meio da prática, da mediação e da transmissão e, sobretudo, por meio da interação entre os participantes e a comunidade, da parceria com uma web-rádio jovem, do estímulo à reflexão e à valorização do papel do comunicador como ator e promotor de cidadania. A equipe formada deseja prosseguir com o projeto, e já se articula para servir de multiplicadora junto a jovens interessados em atuar na rádio.

Palavras-chave: rádio; comunidade; interculturalidade; América Latina; mediação.

ABSTRACT

Foz do Iguaçu is located on the triple border of Brazil, Paraguay and Argentina, which shares similar socio-economic reality. However, the triple border is configured as territory of confluences and exchanges of Latin American and Caribbean culture and idealisms. These confluences and exchanges circulate in Unila by means of students and teachers from across the continent. The young institution does not have consolidated media, but seeks to reaffirm local community ties. Considering our experience with community and educational radio, we have elaborated, in

¹ Pesquisadora e professora adjunta da Unila – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte e História (Ilaach); curso de letras, artes e mediação cultural. Doutora em comunicação e semiótica pela PUC-SP (2010); Mestre em Comunicação Social pela Umesp (2004).

² Essa afirmação foi apresentada por Luzia Deliberator durante palestra ministrada na UEL no III Simpósio de Comunicação Popular e Comunitária, 2014, em Londrina.

2015, the project *Todas las Voces* aiming young people empowerment to produce a sociocultural bilingual radio-magazine to spread current events and to disseminate the university extension actions. While the hegemonic communication systems seek to consolidate standard behavior, it is urgent to articulate good initiatives in this field in order to dissonant voices find other ways to be heard. According to Deliberator (2014), extension projects “function as a two-way street with traffic ensured for academic community to find, in society, the development opportunity of academic knowledge praxis.” This work seeks to analyze these aspects: how participants started on radio the addressing of issues they research, they work with and with wich they identify themselves; the methodology used; digital production characteristics; Latin sounds research; and others. Among the results achieved, we emphasize effective dialogue among knowledges through practice, mediation and transmission, particularly the interaction between participants and the community, the partnership with a web young radio, encouraging reflection and appreciation on the communicator role as an actor and promoter of citizenship. The formed team wishes to continue the project and is already articulating to serve as a multiplier within young people interested in working at the radio.

Keywords: *radio; community; interculturality; Latin America; mediation.*

1. Introdução

A região da tríplice fronteira tem ganhado feições particulares devido às iniciativas dos países vizinhos. A nova *Ley de Medios* da Argentina³ serviu de estímulo a várias iniciativas de comunicação comunitária e educativa em escolas, como observamos durante o projeto de extensão desenvolvido pela Unila, em 2014, na Escuela Intercultural Bilingue n. 2 de Frontera. No Paraguai, apesar de inúmeros entraves, surgem centros de produção e apoio às rádios comunitárias que trabalham em rede integrativa com inúmeras emissoras no interior daquele país e países limítrofes⁴, sobretudo em língua guarany. Enquanto isso, no Brasil, ainda discutimos, sem avanços, a perspectiva da democratização das comunicações, dominada por interesses de empresas e políticos.

Nesse local se situa a Unila, universidade federal bilíngue, cuja vocação é contribuir para a integração latino-americana por meio de uma educação compartilhada e solidária, que inclui o conhecimento humanístico, científico e tecnológico dos estudantes de diversos países do continente, inclusive do Caribe.

Ao referir-se à educação superior no Peru, Villasante (2007) lembra que, “históricamente, determinados sectores sociales han sido excluidos por razones étnicas, culturales o sociales”. Mas, atualmente, “existe una demanda contínua y ascendente para ingresar em la universidad que alcanza estes setores” (VILLASANTE, 2007, p. 170), o que além de trazer uma diversidade maior, também faz com que haja necessidade de adaptação desses jovens ao meio acadêmico.

Daí pensarmos em uma perspectiva futura voltada para a construção de sociedades sustentáveis no século XXI, de uma “América Latina una e diversa”, conceito utilizado por Gerónimo de Sierra (2008). Para tanto, foi instituído na Unila o Ciclo Comum de Estudos, composto por disciplinas comuns ministradas a todos os estudantes de todas as áreas: língua espanhola para os lusófonos; língua portuguesa para os de expressão hispânica; filosofia e epistemologia voltadas à descolonização dos saberes.

A interculturalidade faz parte desse processo enquanto capacidade de respeitar as diferenças culturais, cuja definição tem por base o respeito e a capacidade de preservar a cultura do outro.

Tal compreensão de interculturalidade serve para ajudar as pessoas a ultrapassarem a rejeição do estranho e do estrangeiro, motivo de numerosos conflitos de territórios e de religiões. Em grupos de trabalho, microcosmos das dinâmicas humanas e culturais, as diferenças são numerosas, abrangendo culturas, saberes, origens, gêneros, condições sociais etc.

³ La Ley 26.522 de Servicios de Comunicación Audiovisual, sancionada em 10 de outubro de 2009, que divide as concessões de meios entre o Estado, empresas privadas e organizações comunitárias (sistema público, privado e sem fins lucrativos).

⁴ Integrantes do coletivo “Voces del Paraguay” (Paraguay).

Tudo isso leva autores latino-americanos como Heise, Tubino y Ardito (1994) a pensarem em interculturalidade como um desafio, isso porque o conceito de cultura engloba muito mais do que manifestações externas e visíveis, como arte e música, atingindo “modos de conceber o mundo, de pensar, de falar, de expressar-se, perceber, comportar-se, organizar-se socialmente, comunicar-se, sentir e valorizar a si mesmo enquanto indivíduo e enquanto grupo” (HEISE, TUBINO y ARDITO, 1994, p. 1).

A linguagem que é usada para demonstrar uma cultura também revela um modelo de comportamento. Assim, não se trata apenas da língua que é utilizada para expressar-se, mas também da concepção das ideias que se expressa.

No caso da rádio, observamos muitas diferenças no modo de transmitir uma mensagem: a atitude, a entonação, os gestos, as pausas, a força elocutiva. Visando o encontro de todos esses elementos, e a necessidade de suprir a falta de um meio de comunicação integrativo, foi pensado o projeto *Todas las Voces*.

2. As TICs e o direito de expressão

Os últimos quinze anos foram marcados por um salto tecnológico trazido pelas TICs – tecnologias da informação e da comunicação que promoveram enormes mudanças no setor, com mídias mundiais que se digitalizaram, consolidaram, desregulamentaram e globalizaram –, seguindo a mudança de direção da regulamentação do Estado para a do mercado, e acentuando o que preconiza Marilena Chauí (CHAUÍ, 1986) sobre a liberdade de expressão, quando reforça que “a noção e a prática da Comunicação de Massa excluem a ideia e a prática da opinião pública”. Entre os motivos expostos, afirma a filósofa que “a opinião pública pressupõe o direito à expressão e o direito à informação (...) mas a Comunicação de Massa subordina a informação às exigências do mercado e do Estado (...)” (CHAUÍ, 1986, p. 2).

Se por um lado parece que o desenvolvimento da comunicação é aberto a todos os que podem acessar várias redes, por outro ele tem constituído uma ameaça à liberdade de expressão devido aos interesses mercadológicos que prevalecem sobre o dever da veracidade, travando o pluralismo informativo. Esse pluralismo está marcado justamente pelo respeito à variedade, ou seja, a uma multiplicidade de opiniões, ideias, formas de pensar, comportamentos, interesses de grupos etc., e pelo reconhecimento de cada indivíduo como ser independente, capaz de usar sua inteligência para refletir sobre diversos acontecimentos.

As novas condições econômicas e culturais permitiram emergir um novo padrão de comunicação baseado na audiência fragmentada, na pluralidade da oferta e de meios – na chamada “convergência digital” –, e aí ocorre uma divisão de trabalho desigual entre vários agentes. Alguns atuam de forma articulada em campos empresariais, trazendo pautas quase unificadas

de uma modalidade nova, denominada “infoentretenimento”, com informações superficiais e sem profundidade. Outros têm dificuldade de acesso a esses novos meios e divulgam, com dificuldade de conquistar espaço e audiência, um outro tipo de informação.

Considerando a complexidade dos sistemas nacionais de comunicação nos diversos países da América Latina, e o fato de a produção comunicacional estar sendo impregnada pela recepção de formatos importados que priorizam esse “entretenimento” (LLOSA, 2013; CANCLINI, 2008) ou o “infotainment” em tempos de globalização, é preciso refletir sobre como esses conteúdos têm sido assimilados para difusão ao público e, ao mesmo tempo, como eles vêm substituindo os conteúdos de cunho regional, e como têm sido universalizados. É igualmente relevante observar o exercício de reflexão crítica sobre eles por parte dos receptores locais. É no espaço das mídias que visualizamos o reconhecimento dos setores comprometidos com o fortalecimento da cidadania (compreendendo cidadania como o reconhecimento da identidade, o direito à livre expressão, à informação, ao acesso aos meios de comunicação, à cultura, às tecnologias que estão sendo utilizadas etc.) e com o direcionamento das políticas públicas que regulam essas ações, inclusive nos novos espaços oferecidos pela mídia digital.

Denis de Moraes (2013, p. 21-23) salienta o domínio de “impérios multimídias”, oligopólios dominantes da infotelecomunicação. Essa concentração criou raízes consolidadas na América Latina, continente com um potencial mercadológico de mais de 500 milhões de consumidores, com programações e produtos vindos do exterior – sem encontrar reservas de mercado em nossos países –, sobretudo no ramo audiovisual. Essas raízes já se infiltraram em tablets, smartphones, palmtops, webcams, telões digitais, netbooks etc., criando dependência dos consumidores aos megaprodutos em diversas plataformas. Os megagrupos são norte-americanos: Disney, News Corporation, Time Warner, CBS etc., e estão presentes em praticamente todos os países, com um acúmulo de U\$ 145 bilhões de dólares, com estratégias comerciais aos moldes de McDonald ou Coca-Cola, apoiadas por bancos internacionais. Essas empresas buscam o lucro absoluto, deslocando produções para barateá-las.

Até a indústria editorial segue os mesmos princípios, com traduções de livros a partir do inglês dominando o mercado (os *best sellers*), em detrimento de uma literatura nacional, gerindo identidades culturais em escala global e criando modelos como os do Bollywood indiano – que já produz para TV, internet, videogames e celulares.

Esses modelos promovem uma “aculturação forçada”, segundo Moraes (2013, p. 37), em que a “diversidade cultural não é negada, mas os traços específicos do contexto são desvalorizados ou desconsiderados”, para não repetir o erro dos colonizadores “eurocêtricos”.

A fim de não mergulharmos no pessimismo e na frustração no campo comunicacional, devemos nos voltar a outros modelos alternativos nascentes, que se manifestam por meio de redes sociais locais e globais, ou, para usar um termo mais contemporâneo, *glocais*⁵.

Nesse aspecto, o Fórum Social Mundial mostrou algumas alternativas. Em sua primeira edição, ocorrida em Porto Alegre, em 2002, ele trouxe novas formas de mobilização em torno da comunicação. E aqui se pode citar o modelo de participação ocorrida nesses fóruns, para mostrar de que modo – numa perspectiva gramsciana – as camadas subalternas vivenciam sua sociabilidade, mostrando que existe um poder transformador da comunicação audiovisual quando todos se juntam para projetar o futuro.

Comitês de mobilização organizaram o primeiro evento do gênero articulando experiências a partir de diversas cidades brasileiras, da América Latina e do hemisfério norte, para construir um espaço de debate democrático de ideias e reflexões. O objetivo era apresentar propostas de movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da sociedade civil que se opunham ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital, e a qualquer forma de imperialismo. Essa reunião representou um estímulo a novos protagonismos.

Entre vários temas trabalhados, um deles era “A afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos”, considerando os meios de comunicação como um desses espaços. O acesso aos computadores e à sala de imprensa era democratizado e franqueado aos voluntários. Entre jornalistas de formação e de prática – de todas as ideologias –, o importante era propagar as notícias e os debates que estavam ocorrendo ali para seus países e localidades de origem, em seus respectivos idiomas.

Naquela ocasião, destacaram-se, ainda no início de suas atividades, os correspondentes da ONG internacional “Repórteres sem Fronteiras”, que estimulavam o voluntariado de cada um que pudesse contribuir com seus textos, defendendo a liberdade de expressão.

Redes de rádio promoveram uma transmissão livre que recebia matérias de um estúdio montado precariamente em área aberta do fórum, com animadores que se revezavam para garantir a continuidade da programação, divulgando, a todo momento, contribuições sob forma de entrevistas e reportagens gravadas em fitas cassete. Grupos de mulheres, feministas, ativistas nacionais e internacionais colaboravam aceitando o desafio de produzir, traduzir, comunicar.

Ao final do evento, redigiu-se uma carta de princípios que introduziu na agenda global as práticas transformadoras experimentadas pela sociedade civil, naquele momento especial, na construção de um mundo novo solidário, práticas essas que não foram esquecidas, e mos-

⁵ O termo vem da antropologia cultural para denominar a mistura de culturas globais modernas com as de locais tradicionais. Referindo-se aos meios de comunicação, designa a interação e a dependência do meio global com o local.

traram a face mais importante da mídia, que é ser promotora do desenvolvimento humano no mundo globalizado.

3. O papel da universidade e o projeto Todas las Voces

Nos encontros dos Fóruns Sociais Mundiais também se pode conhecer as inúmeras e boas iniciativas acadêmicas trazidas por projetos de extensão nas universidades públicas e particulares, protagonizadas pelos corpos discente e docente.

Muitas delas se articulavam com movimentos sociais, trazendo uma forma de levar os estudantes a compreenderem o mecanismo de exclusão social e de todas as lutas travadas pela sociedade civil para alterar esse quadro, tanto do ponto de vista dos direitos básicos da população, necessários a uma vida digna, como também do direito à voz, através dos meios de comunicação educativos em colaboração com os meios comunitários.

As rádios educativas e comunitárias, quando apresentam boas programações, têm feito a diferença. É necessário voltar-se ao desenvolvimento social em toda a sua extensão, a começar pela atividade que alia teoria e prática. Essa é a tendência atual na América Latina. No início do ano 2000, nosso continente contava com mais de 300 escolas universitárias de comunicação, com uma população superior a 120.000 alunos, como lembra Manuel Calvelo (apud DAGRON, 2001), em sua maioria formando profissionais para os meios massivos: “Os comunicadores para o desenvolvimento constituem uma espécie rara, a maioria deles corresponde ao perfil de autodidatas provenientes de outras disciplinas que se voltaram para a comunicação por compreender a necessidade de trabalhar projetos de desenvolvimento”.

Contudo, esse perfil já começa a ser alterado: na Universidad Nacional de Quilmes, na Argentina, o Departamento de Ciências Sociais celebra o terceiro ano do curso “Tecnica-tura universitaria en gestion de medios comunitarios”, à distância, dirigido pela Profa. Claudia Villamayor, que promove debates sobre *tecnicatura en comunicación popular*.

O sucesso obtido pela maioria das produções audiovisuais que fazem uso da tradição oral, da literatura e dos hábitos das inúmeras comunidades multiétnicas para desenhar a própria identidade nacional tem demonstrado o caráter brasileiro de voltar-se para suas origens, assumindo a multiculturalidade, alvo de admiração e pesquisa em inúmeros países.

Daí a necessidade de se proporcionar à população uma visão consistente de suas particularidades socioculturais e educativas, por meio de produções embasadas em fontes que revelam a riqueza da diversidade presente em nosso modo de viver contemporâneo.

Também se constata uma preocupação com o caráter urgente de se apresentar, nos meios de comunicação alternativos e educativos, conteúdos sólidos e formas inovadoras de rever, discutir e atualizar questões histórico-culturais emergentes, gerando matérias a partir de

pesquisas realizadas junto às comunidades locais. Essas iniciativas devem levar em consideração a perspectiva de uma divulgação extensa oferecida pelo meio rádio e sua linguagem próxima da oralidade dos povos retratados, suprimindo uma lacuna e realimentando o imaginário popular. As propostas prioritárias têm caminhado rumo a: educação para a comunicação; produção e distribuição de conteúdos, valorização dos meios de comunicação comunitários para acesso a tais conteúdos; e, principalmente, estímulo à comunicação e ao protagonismo social, criando e fortalecendo ações que conjuguem a divulgação da diversidade das manifestações culturais, além de produção e valorização de temas que promovam essa diversidade com a participação de todos, como propõe o presente projeto de extensão.

A união em torno de um programa radiofônico protagonizado por diversas vozes latinas foi idealizada para reforçar e fortalecer esse ideal de intercâmbio e propagação, além de ampliar a perspectiva de desenvolver uma rede de informação alternativa e interativa capaz de envolver outros segmentos organizados da sociedade civil, entre eles ONGs, escolas e universidades. Um programa radiofônico caracterizado como revista tem como meta aplicar os conceitos e princípios do jornalismo que dialogam com diversas áreas da comunicação e do jornalismo, como o “livro-reportagem”, por exemplo. Quando levados para dentro da rádio, eles compreendem a definição de uma linha editorial e de um gênero específico, da diversidade de pauta e de produção, incluindo o processo de entrevistas.

Esses elementos são frutos de um trabalho coletivo envolvente, capaz de criar laços intrínsecos entre os participantes, docentes e discentes. Os alunos que têm a possibilidade de aliar a teoria à prática sentem-se estimulados à iniciação científica e desenvolvem mais facilmente seus projetos, construindo pontes entre a pesquisa e a ação comunitária. Essa forma de trabalhar o saber e o fazer acadêmicos, além de gerar parcerias, transforma a concepção do próprio ensino, encorajando seus atores a implicarem-se nos processos de transformação social geradores de novos saberes.

Assim nasceu o projeto *Todas las voces*: rádio-revista sociocultural e educativa e formação radiofônica comunitária, cujo objetivo principal foi criar um programa que representasse um espaço de participação para qualquer membro da comunidade que expressasse interesse na comunicação social.

Esse espaço começou com um curso de capacitação aos inscritos no projeto, com conteúdos básicos para o trabalho radiofônico, baseado na metodologia participativa que segue o direcionamento teórico-prático, ou seja, no diálogo entre os pares e no estímulo à participação concreta de todos no processo de construção da comunicação democrática. O princípio é que o formador esteja sempre atento à riqueza das relações interpessoais dos participantes para dar mais consistência ao projeto coletivo, que é a democratização do saber e a produção educativa

e comunitária. Para tanto, buscou-se uma interação constante formador/participante, além de ser dada prioridade ao trabalho de grupo e formação de equipes, enriquecidos com o incentivo à participação de todos os implicados no processo da comunicação, atendo-se ao código de ética da comunicação, que preconiza: respeito aos direitos humanos; não promoção partidária e pessoal; direito de expressão de ideias; direito de resposta de todos; e promoção do intercâmbio de experiências entre os comunicadores e profissionais da comunicação.

Esse novo olhar no campo comunicacional implica refletir sobre uma forma de comunicação feita “por” e “com”, e não “para” ou “sobre” uma comunidade ou grupo de pessoas, e ele teve início nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na América Latina, no final da década de 1960, tendo sido praticado por educadores como o grande mestre Paulo Freire. Isso permitiu a elaboração e a aplicação de uma práxis comprometida tanto com a leitura crítica dos meios hegemônicos quanto com a tomada de consciência por parte das classes subalternas, com vistas à sua transformação social (AMARANTE, 2012).

O caráter teórico-prático implica apresentar as principais formas de produção sociocultural em rádio, elaborar matérias radiofônicas e, em seguida, propor exercícios de grupos que são gravados e ouvidos para avaliação e reflexão.

Assim, foram realizadas aulas sobre sociodrama, notícia, comentário, locução, efeitos sonoros, spots, campanhas, vinhetas, rádio-revista, interpretação de textos, com apoio ao bolsista para gravação, sonorização e edição, de forma que todos pudessem integrar uma equipe, aprender e praticar durante as aulas. O trabalho em equipe é fundamental para o desenvolvimento tanto intelectual como convivial, no ato de reconhecer a confiança e a capacidade do outro, de atribuir responsabilidades para que o outro assuma um papel que dê suporte e mais seriedade ao projeto.

Essa formação era realizada todos os sábados à tarde, com o apoio de um bolsista que se ocupou da parte técnica das aulas. No primeiro semestre, houve uma capacitação básica. Já no segundo, os participantes aprenderam a realizar edição digital e utilizar efeitos sonoros através do software livre Audacity, a fim de preparar suas próprias matérias para o futuro programa.

A motivação constante foi, portanto, esta: criar um canal direto entre a comunidade educativa da Unila e os habitantes da cidade de Foz do Iguaçu, pois dessa forma se expunham os saberes adquiridos em sintonia com o desenvolvimento local.

Dos quinze inscritos, de seis nacionalidades e saberes diferentes⁶, provenientes dos países Haiti, Chile, Colômbia, Paraguai, Equador e Brasil, restou uma equipe de oito pessoas,

⁶ Houve participação tanto de estudantes dos cursos de cinema, economia, energias renováveis, segurança alimentar, e letras, quanto de especialistas em saúde, educação e agricultura orgânica.

de quatro nacionalidades, comprometidas com a produção educativo-comunitária bilíngue. O interesse diversificado e a formação dos membros desse grupo trouxeram uma variedade de temas de interesse comum, como “A conferência da Juventude”, “Outubro rosa”, “Novembro azul”, “Desmatamento” e o mês da consciência negra, entre outros. Esses temas serviram como base para entrevistas, comentários, espaços de opinião e discussão, bem como spots e vinhetas.

Como a universidade não tem meios de comunicação próprios, foi criada uma parceria com uma web-rádio local (Radio NewForLife), da associação comunitária de igual nome, para se realizar programa ao vivo. Essa aproximação com o movimento associativo foi fundamental para a consecução do projeto, dando a ele seriedade e valor pelo trabalho realizado, o que possibilitou um espaço de comunicação, informação e difusão de temas de interesse social dirigido às comunidades próximas e distantes, ajudando a difundir os projetos de extensão e a liberdade de expressão das diversas opiniões, sem censura.

4. Considerações

Projetos de extensão como esse acabam por criar, como as rádios comunitárias que aglutinam todo um bairro, um ponto de encontro entre pessoas de diferentes universos e culturas, com atenção voltada para a criação e o desenvolvimento de propostas, de novos projetos e campanhas, de trabalhos comunitários múltiplos e iniciativas que contribuam para uma boa compreensão do ambiente em que acontecem.

Essa união em torno de uma produção também torna relevante o modo como o estudante estrangeiro se sente e é percebido, valorizado por outros grupos culturais com quem está em relação comunicativa horizontal durante seus estudos em outro país, em um encontro de culturas que reagrupa diversas regiões, sem que uma prevaleça sobre outra, como ocorre nos casos relatados anteriormente de aculturação ou submissão, mas aqui favorecendo a integração pelo conhecimento e pelo trabalho conjunto com o “outro” latino-americano. Nesse aspecto, vale lembrar a tese defendida por Édouard Glissant (2005), que parte do pressuposto de que as culturas estão dentro de um processo de relação, diante do fenômeno que denomina criouliização, ou seja, “o encontro de elementos culturais vindos de horizontes absolutamente diversos e que realmente se crioulizam, realmente se imbricam e se confundem um no outro para dar nascimento a algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo” (GLISSANT, 2005, p. 18). Essa criouliização vem ocorrendo no mundo inteiro, isto é, as culturas do mundo, colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente – muitas vezes gerando inúmeros conflitos e violências –, transformam-se, permutando-se entre si.

Para além dos conteúdos e temas que extrapolam o universo acadêmico, os participantes descobriram um espaço comunitário integrativo, frequentado por jovens militantes e artistas do movimento hip hop, que foram também estimulados a participar de debates sobre a atualidade a

partir de filmes escolhidos pelos educadores. Em um dos encontros, foi projetado o filme *Uma onda no ar*, dirigido por Helvécio Ratton, sobre a história da Rádio Favela. Ao final, uma calorosa discussão no grupo serviu para revelar que tais jovens sentem falta de espaço nos meios de comunicação, mas estão satisfeitos em poder participar de uma web-rádio.

O contato com as tecnologias de informação e comunicação por parte desses jovens é algo bastante corriqueiro, pois eles fazem uso de um aplicativo para ouvir a Rádio NewForLife. Como lembra Sakamoto (2013, p. 95), essas tecnologias “são ferramentas de construção e reconstrução da realidade”, com as quais eles inventam, articulam e sentem que podem mudar algo. O importante é direcioná-los para uma participação social ampliada e para o direito à internet gratuita extensiva a todos os membros da comunidade.

Grande parte da juventude não conhece “o valor das lutas que trouxeram a sociedade até aqui” (SAKAMOTO, 2013, p. 99), e pode parecer que a continuidade de um programa como o *Todas las Voces* não faça muita diferença. Mas se houver integração a uma equipe motivada, como a atual, seguramente a aproximação com esses jovens irá estimular o comprometimento deles com a comunicação participativa e o desejo de colaboração, de troca de saberes e cultura como parte desse processo.

5. Referências

AMARANTE, M. I. Rádio comunitária na escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã. São Paulo: Intermeios, 2012.

AMARANTE, M. I.; VILLALVA, M. R. F. Radioescola e integração comunitária na tríplice fronteira. Trabalho apresentado no IV Congreso Internacional del Conocimiento, 2015.

CANCLINI, N. G. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHAUÍ, M. Imprensa e democracia (6). *Folha de S. Paulo*, 30/06/86, p. 2.

DAGRON, A. G. **Haciendo Olas**. Histórias de comunicación participativa para el cambio social. New York: The Rockefeller Foundation, 2001.

HEISE, M.; TUBINO, F.; ARDITO, W. **Interculturalidad, un desafío**. CAAP: Lima, 2. ed., 1994, p. 7-22.

CAIRO, H.; SIERRA, G. de (compiladores). **América Latina, una y diversa: teorías y métodos para su análisis**. Costa Rica: Alma Mater, 2008.

GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

Ley 26.522 de Servicios de Comunicación Audiovisual da Argentina, sancionada em 10 de outubro de 2009.

LLOSA, M. V. **A civilização do espetáculo**. Tradução: Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013 (Coleção Crítica e Ensaaios).

MORAES, D. de. *Sistema Midiático, mercantilização cultural e poder mundial*. In: MORAES, D. et al. **Mídia, poder e contrapoder**. Da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013, p. 19-52.

SAKAMOTO, L. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, E. **Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 95-100.

VILLASANTE, M. La diversidad sociocultural y la equidad educativa en la UNSAAC. In: ANSION, J. et al. **Educar en ciudadanía intercultural**. Experiencias y retos en la formación de estudiantes universitarios indígenas. Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú; Red Internacional de Estudios Interculturales de la Pontificia Universidad Católica del Perú; Universidad de la Frontera (Chile), 2007.